

ENSINO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO PARA IMIGRANTES HAITIANOS: UM ESTUDO DE CASO

Laura SOARES¹
Caroline TREVISAN²
Angela FLAIN³

Resumo: Com o crescimento da imigração haitiana ao Brasil, desde o início de 2010, surge a necessidade de refletir sobre as situações de ensino da língua portuguesa ao referido público. Neste sentido, o presente artigo apresenta um panorama da elaboração e prática do curso de ensino de língua portuguesa “Português para Estrangeiros”, atividade de extensão idealizada por docentes e graduandas de licenciatura em Letras – Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Chapecó. Apresentamos a gênese do curso, que abarca o contexto de surgimento e o perfil dos estudantes, imigrantes haitianos que vivem no oeste catarinense, além do material utilizado nas aulas e das concepções teórico-metodológicas que norteiam a prática de ensino. Outrossim, analisamos as contribuições da ação de ensino no que se refere ao aprendizado dos alunos haitianos e a sua inserção no Brasil, além do impacto desta atividade na formação docente das ministrantes do curso, alunas da graduação. Apontamos que as atividades desenvolvidas no referido projeto de extensão são benéficas tanto para o público aprendiz quanto para as futuras docentes, conclusão corroborada pela reflexão dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Através deste estudo de caso, pretendemos contribuir para as discussões referentes ao ensino da língua majoritária do Brasil como língua não materna, sendo esta uma prática em expansão no país.

Palavras-chave: Português língua estrangeira; Ensino de línguas; Imigração Haitiana.

Abstract: With the growth of Haitian’s immigration to Brazil, since 2010, it’s necessary to discuss about the teaching of Portuguese to this public. This paper aims to show all the steps related to the creation and practice of “Curso de Português para Estrangeiros” (Portuguese course for foreigners). These classes have been created and taught by teachers and students of Portuguese, from Federal University of Fronteira Sul (UFFS), since the first semester of 2014. Through a report, it’s presented the beginning of the course, as well as its rise context and students’ profile, Haitians immigrants that are living in Santa Catarina, Brazil, beyond the didactic material and teaching theory. Furthermore, students’ evolution is analyzed by their reports and also the benefit for the teachers is discussed. The related classes have helped the Haitians staying in the foreign country as workers and students, and the teachers, that are academic students, have been able to teach Portuguese as a foreign language. By this case study, we intend to contribute to the discussions regarding the teaching of the majority language of Brazil as a non-maternal language, which is a practice in expansion in the country.

Keywords: Portuguese foreign language; Language teaching; Haitian immigration.

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Email: laurafontanasoares@hotmail.com

² Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Email: carolineetrevisan@gmail.com

³ Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Email: angelaflain@hotmail.com

Introdução

O ensino de português apresenta diversos contextos e situações distintas, haja vista as suas variáveis condições de ensino. Com o advento da globalização, e por meio das alianças econômicas que englobam o Brasil, o ensino do português como língua estrangeira se expande em outros países. Além da vinda de estudantes através de intercâmbios, vinculados ou não ao meio acadêmico, que vêm com o intuito de aprender a língua majoritária do país, também nos deparamos com aqueles que precisam dominar o português brasileiro devido à necessidade migratória, motivada pela busca de emprego e melhora na qualidade de vida, ou pela condição de refúgio.

Dado tal contexto, neste estudo nos centramos em uma reflexão sobre o ensino do português brasileiro a falantes não nativos, em situação de imersão, caso que configura o ensino da língua como não materna. O público de ensino integra o curso de extensão “Português para Estrangeiros”, projeto vinculado ao PET – Programa de Educação Tutorial Assessoria Linguística e Pedagógica da UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul), *campus* Chapecó, cujo escopo de ensino é atender a imigrantes haitianos ou refugiados, estudantes da referida instituição de ensino superior ou da comunidade externa. As aulas são coordenadas por docentes⁴ do curso de Letras – Português e Espanhol, licenciatura, e ministradas por acadêmicas deste curso de graduação.

Considerando esta modalidade do ensino de língua portuguesa, propomo-nos a refletir acerca de sua prática em um novo contexto que se apresenta e que demanda atenção, o ensino para novos imigrantes vindos ao Brasil. Para desenvolvermos a ação de ensino, apoiando-nos no que já foi teorizado em relação ao ensino de língua portuguesa como não materna, a partir, principalmente, de Almeida Filho (2009). Para compreender o público migrante, tomamos como referência as pesquisas de Continguiba (2014) e Pimentel (2012).

Iniciamos o estudo de caso a partir do contexto de criação do curso de extensão “Português para Estrangeiros”. Na sequência, apresentamos uma breve exposição teórica delineando as principais diretrizes que nortearam as aulas do curso. Depois, descrevemos o perfil inicial dos estudantes haitianos, o que justifica os encaminhamentos dados ao primeiro módulo do curso. Na continuação, apontamos a necessidade de mudança no material de ensino utilizado e o conseqüente replanejamento, ocorrido no decorrer dos dois anos de aulas. Posteriormente, destacamos a consolidação do projeto de extensão e sua relevância, sem deixar de apontar as dificuldades encontradas pelos envolvidos (alunos e professores) ao longo de quatro semestres de trabalho.

Por fim, trazemos nosso relato pessoal de professoras e planejadoras do curso, além de depoimentos dos alunos haitianos, no intuito de registrar, de maneira abrangente, as nuances do ensino da língua portuguesa a um público crescente em nosso país, os imigrantes haitianos.

Curso “Português para Estrangeiros”: contexto de surgimento

O processo de imigração haitiana no Brasil se intensificou desde 2010, ano em que o Haiti foi atingido por um terremoto, deixando milhares de pessoas desabrigadas; entretanto, percebemos que a migração é uma prática recorrente desta nação, considerando o que esclarece Continguiba (2014):

⁴ O curso conta com um coordenador que é professor do curso Letras e responsável pela orientação das aulas e pelas atividades realizadas durante o semestre.

(...) migrar é uma prática que faz parte do imaginário coletivo haitiano e já levou milhões deles a deixarem o país rumo a outros, especialmente os Estados Unidos, numa tradição que lançou suas bases ainda no século XIX, além do vizinho, a República Dominicana (COTINGUIBA, 2014, p.69).

Um dos destinos brasileiros que recebe número significativo de imigrantes oriundos do Haiti é a cidade de Chapecó, no estado de Santa Catarina, principalmente pela grande oferta de emprego nos setores da agroindústria. Esses imigrantes, além de buscarem uma nova vida no Brasil, também enviam dinheiro aos seus familiares que continuam em seu país de origem. Tal processo migratório é pesquisado por Cotinguiba e Pimentel (2012), que afirmam:

(...) no século XX, especialmente a partir da segunda metade, tem-se assistido à migração em massa de haitianos para outros países em busca de melhores condições de vida, seja por liberdade política e social, seja pela busca de oportunidades de trabalho ou estudos e, nesse sentido o Brasil figura como um dos destinos da emigração haitiana na contemporaneidade (COTINGUIBA e PIMENTEL, 2012, p. 100).

Tendo em vista os novos imigrantes na referida cidade e o objetivo da UFFS, por ser uma universidade de cunho popular e inclusivo, no ano de 2014 se iniciou na instituição o programa PROHAITI, criado em parceria entre a UFFS e a Embaixada do Haiti no Brasil, instituído pela Resolução 32/2013 – CONSUNI. O programa visa à integração dos imigrantes haitianos à universidade, oportunizando-a como um modo de inclusão diferenciada, por meio de processo seletivo especial, levando em consideração que a maioria destes estudantes não tem o português como língua materna.

Com os novos alunos estrangeiros na universidade, dos quais grande parte ainda não tinha estudado o português formalmente, surgiu uma proposta, por parte dos órgãos responsáveis pela criação do PROHAITI, para que o PET (Programa de Educação Tutorial Assessoria Linguística e Literária da UFFS, *campus* Chapecó) idealizasse um curso de português como L2 voltado aos estudantes. E, assim, devido à demanda emergencial de suporte linguístico, iniciamos as primeiras reuniões para a organização do material didático que seria utilizado no curso, a linha teórica a ser seguida e a busca por professores voluntários do curso de licenciatura em Letras Licenciatura – Português e Espanhol, desta mesma universidade. Esse era apenas o começo de uma jornada desafiadora e fascinante para a consolidação das aulas de língua portuguesa aos imigrantes de Chapecó e região.

Ressaltamos a condição diferenciada destes aprendizes: trata-se inicialmente de imigrantes haitianos, grupo estudante e trabalhador da agroindústria com nível de educação formal heterogêneo, todos alfabetizados em francês e/ou crioulo haitiano, línguas oficiais do Haiti. Em consideração às especificidades do público aprendiz, buscamos a abordagem e metodologia de ensino mais adequadas, como propomos a seguir:

Fundamentação teórica das aulas: abordagem e metodologia de ensino

Levando em consideração que o contexto é o ensino de português como língua não materna, valemo-nos das pesquisas de Almeida Filho (2009), investigador da temática no Brasil. O autor esclarece que o fato de ensinar a própria língua materna como uma língua estrangeira indica que “um degrau ainda mais elevado de civilização começa a ser galgado (...)” (2009, p.2). Além disso, pontua também que a maior parte do material didático disponível é produzida em português lusitano, ou seja, referente ao português de Portugal, negligenciando as diferenças e variações do português no Brasil. Entretanto, pontuamos que materiais de ensino do português brasileiro existem, apesar da escassez, principalmente no que se refere ao ensino voltado para imigrantes vindos em condição de asilo humanitário ou refúgio, como é o caso dos haitianos.

Durante o planejamento das aulas, refletimos que a falta de material didático adequado às finalidades de ensino é um dos obstáculos encontrados. Para contemplar as necessidades de aprendizagem dos alunos, refletimos sobre o método e a abordagem de ensino, de acordo com os postulados de Almeida Filho (2009):

A metodologia de ensino de uma L é aqui entendida como o conjunto de procedimentos recomendáveis para bem ensinar uma L e que são explicáveis por um feixe de pressupostos. “Metodologia” é o termo tradicional para indicar uma dada “pedagogia de língua”. Opõe-se hoje em dia ao conceito de *abordagem* – mais amplo e mais abstrato – indicador, na sua abrangência, de um conjunto de conceitos (crenças), pressupostos e princípios que orientam não só as experiências diretas com e na L-alvo (o método) em salas de aulas mas todas as outras dimensões do processo complexo (a operação) de ensinar uma língua, a saber, o planejamento curricular e/ou de programas específicos, os materiais de ensino, a produção das aulas e suas extensões, e a avaliação do próprio processo e dos seus agentes. (ALMEIDA FILHO, 2009, p. 8).

Compreendemos que para atender à demanda dos alunos haitianos é necessário utilizar uma abordagem capaz de ir ao encontro de suas necessidades, as quais são distintas de estrangeiros que vêm ao Brasil com único objetivo de estudar. Diante deste público aprendiz de estudantes-trabalhadores que necessitam aprender a língua portuguesa para a efetiva inserção social em um novo país, priorizamos os aspectos comunicativos e interculturais (MENDES, 2004), incluindo as quatro habilidades linguísticas, contempladas através de materiais autênticos, com o suporte de gêneros discursivos diversos e presentes nas situações cotidianas de interação social. Ademais, acreditamos na importância de ensinar a língua portuguesa de acordo com a variação do contexto brasileiro e de seus aspectos culturais, na tentativa de facilitar o processo de integração dos alunos ao contexto social. Considerando também que, neste caso específico, o ensino da língua deve atender aos objetivos do aluno; para isso criamos materiais calcados na abordagem comunicativa-intercultural, baseando-nos, principalmente, no que discorre Edleise Mendes (2004).

Complementarmente à abordagem intercultural, Mariano e Ribeiro (2011) defendem que aprender uma língua é também aprender sobre a cultura de um povo, principalmente observando as variedades lexicais e fonéticas, muito evidentes de acordo com as regiões. Consideramos a afirmação de que:

Absorver um novo vocabulário implica em aprender, compreender e interpretar marcos de conhecimentos de grupos antro-po-sócio-culturais. E para contextualizar o ensino da cultura com o do léxico na sala aula de PLE, uma rica fonte para esse objetivo são as expressões idiomáticas brasileiras. Além das mesmas responderem a essas necessidades, é também uma excelente fonte de material autêntico (MARIANO e RIBEIRO, 2011, p. 88).

Na prática, em sala da aula, por exemplo, ao ensinar o nome de uma fruta, podemos mostrar a variação lexical da região em que se está situado e também nas demais regiões do Brasil, tornando o processo de ensino-aprendizagem contextualizado e significativo para o aluno. No que se refere à variação fonética, esta pode ser discutida através de questionamentos feitos pelos estudantes que observavam em suas relações cotidianas diferenças na produção oral de grupos distintos, visto que estão inseridos em um contexto que a língua em estudo é predominante. Tais “diferenças” devem ser explicadas a fim de desconstruir o preconceito linguístico existente entre classes sociais mais prestigiadas.

Ainda sobre o processo de ensino aprendizagem, Leffa (1988) explica que a aprendizagem (ao contrário da aquisição) de uma nova língua, sendo ela uma L2 ou LE, é caracterizada por ser uma atividade consciente, pois o aluno aprende – ou aperfeiçoa – a língua de modo formal, a partir do estudo de suas regras. Deste modo, embora os discentes já se encontrem imersos em um contexto que lhes permite passar por situações de uso real da língua, um estudo formal pode corroborar para o desenvolvimento de uma aprendizagem mais esclarecedora.

Outro aspecto a ser considerado na execução do projeto diz respeito à concepção de língua, a qual é referenciada a partir da seguinte reflexão:

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. (...) A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Sendo assim, partimos da compreensão de língua como um modo de interação social, cercado por encontros e embates de ideologias, que estão além de construções frasais isoladas. A perspectiva de língua trazida Bakhtin (1997), provoca-nos a refletir acerca do quanto está em jogo ao se ensinar uma língua, pois, a partir dela e nela, o indivíduo se posiciona frente ao mundo.

Justificamos, desta forma, nossa opção pela abordagem comunicativa-intercultural, a qual procura atender às necessidades dos estudantes ao buscarem o curso e, portanto, leva em conta os fatores sociais existentes. Atrelamos, assim, o trabalho com gêneros textuais e discursivos que englobam o contexto do aluno tendo em vista desenvolver a competência comunicativa desse, tanto oral quanto escrita. O conceito acima descrito remete ao que teoriza Leffa (2012) acerca da abordagem comunicativa e

intercultural e a respeito do ensino de línguas. Concordamos com o autor quando este menciona que a abordagem comunicativa enfoca a ação: falar é fazer, sem a proibição do uso da língua materna do aprendiz, tampouco com enfoque único no código escrito ou no código oral. Também nos inclinamos às orientações de Schneider (2010) e Mendes (2004) acerca da abordagem intercultural no ensino de língua estrangeira. Schneider (2010) sugere o uso de textos, de diversos gêneros, no processo de ensino, explorando os aspectos culturais e linguísticos que envolvem a estrutura do texto a partir de seu contexto comunicativo.

Assim, de acordo com tal embasamento teórico, buscamos ensinar aos alunos língua portuguesa atrelada à cultura, buscando expor-lhes as variantes com as quais eles têm ou tiveram contato no Brasil. Além disso, esta abordagem ressalta a necessidade de o aluno compreender o uso adequado da língua em certas situações, a fim de não o constranger em determinadas circunstâncias de interação social. Almeida Filho (2009, p.3) complementa:

Propondo um conceito mais amplo de CC⁵, Hymes (1971) afirma que a noção de competência não está somente relacionada ao âmbito estritamente gramatical, mas também ao contexto e ao conhecimento sociolinguístico que ele dispara, ou seja, o conhecimento gramatical pode ser inútil ou insuficiente sem as regras de uso porque os enunciados também devem ser apropriados e aceitáveis para serem coerentes nos contextos específicos em que acontecem.

Por fim, para conectar as concepções acima esclarecidas, sobre as percepções de língua e a abordagem de ensino, afiguramos, em seguida, o processo de seleção e elaboração de materiais utilizados, detalhamento do perfil dos alunos e as mudanças ocorridas ao longo de quatro semestres de atividades:

Surgimento do curso: primeiras ações

A organização do curso, no primeiro semestre de 2014, foi de caráter emergencial, uma vez que se constataram as dificuldades dos alunos haitianos em frequentar os cursos de graduação nos quais estavam devidamente matriculados. Tais dificuldades, decorrentes do domínio insuficiente da língua portuguesa, foram relatadas pelos professores universitários e pelos acadêmicos haitianos, fato que os levou a buscar a Assessoria para Assuntos Internacionais da UFFS em busca de auxílio.

Visto o problema deste novo público acadêmico, a Assessoria para Assuntos Internacionais (doravante AAI) contactou o PET a fim de se estabelecer parceria, visando ofertar aulas de português para que os haitianos pudessem prosseguir seus estudos universitários. Assim, bolsistas do PET, alunas voluntárias do curso de licenciatura em Letras – Português e Espanhol, professoras da instituição e técnicas da AAI reuniram-se para o planejamento das aulas. Com a abertura do curso de extensão, a oferta das aulas se estendeu também à comunidade externa, uma vez que constatamos o grande número de imigrantes haitianos em Chapecó e região, para além daqueles acadêmicos da UFFS.

No que se refere à idealização das aulas, os percalços iniciais foram os relacionados ao horário de oferta, pois os alunos dispunham de pouco tempo por serem trabalhadores e estudantes. Além disso, a falta de espaço físico para ministrar as aulas e

⁵ Conforme Hymes (1971), CC significa Competência comunicativa.

de material didático adequado para orientar o ensino também acabaram se tornando contratempos para a realização do curso. Depois de um levantamento acerca da disponibilidade de horários dos acadêmicos haitianos, acordou-se que as aulas seriam ministradas aos sábados à tarde, semanalmente, em unidade provisória da UFFS, localizada no centro da cidade de Chapecó. O sábado também era o dia no qual havia salas disponíveis na instituição.

Após a resolução desses impedimentos, iniciamos as atividades de pesquisa e discussão para elaborar o material didático que seria utilizado nas aulas. Para isso, foram agendados encontros semanais com todas as acadêmicas envolvidas no projeto, a fim de proporcionar momentos de debates formativos para a ação docente e confecção do material. Os encontros enriqueceram a formação docente das alunas de graduação e conduziram à adoção da abordagem comunicativa-intercultural para as aulas, discorrida na seção anterior que trata da fundamentação teórica. Este breve relato serve para contextualizar de que forma o curso foi organizado e para salientar sua contribuição na formação das docentes na graduação. Na sequência, descrevemos os materiais utilizados ao longo dos quatro semestres de curso e as mudanças ocorridas no seu transcorrer.

Andamento das aulas

A apostila inicial foi uma espécie de compilação de materiais autênticos elaborados pelas bolsistas e voluntárias, organizada pela coordenadora do curso, docente no curso de Letras da instituição de ensino superior. Acerca deste primeiro material, vale ressaltar que o confeccionamos sem que soubéssemos o nível de conhecimento e as necessidades mais específicas de nosso público, portanto, optamos por reunir um material abrangente com a função de guia, para consulta e estudo extraclasse, com vocabulário e conceitos gramaticais retirados de gramáticas normativas. Apesar da abordagem comunicativa-intercultural ter sido adotada, não a contemplamos na elaboração do material inicial, principalmente devido ao pouco tempo disponível para sua elaboração.

No primeiro encontro com os estudantes, realizamos uma prova de nivelamento para que fossem formadas três turmas, cada uma com duas professoras, a fim de que nos sentíssemos mais seguras e pudéssemos amparar os estudantes de forma satisfatória. Posteriormente, iniciaram-se as aulas, aos sábados à tarde, das 14h às 17h, até o fim do primeiro semestre de 2014, com carga horária total de 30 horas. Em relação ao material utilizado, observamos que, na turma de nível avançado, este serviu como fonte de consulta vocabular e de algumas regras da gramática normativa, contudo, planejamos semanalmente atividades para as aulas, momentos em que a abordagem comunicativa-intercultural foi contemplada. Na turma de nível básico, as atividades seguiram a ordem da apostila, com pouco acréscimo de exercícios.

Em suma, a primeira edição do curso apresentou alta taxa de evasão, justificada pela necessidade de os estudantes trabalharem aos sábados à tarde, ou pelo seu esgotamento físico e mental, uma vez que a atividade profissional na agroindústria é extenuante. Além disso, a maioria dos haitianos aprendizes havia se estabelecido na cidade havia pouco mais de três meses, fato que implicou em condições socioeconômicas desfavoráveis. No que concerne à preparação das aulas, notamos que não foi possível cumprir com todas as atividades planejadas, pois a sequência de estudos foi comprometida pelas faltas dos estudantes.

No semestre seguinte, houve o replanejamento do material e mudanças na dinâmica de ensino. Devido à evasão no primeiro módulo, decidimos transferir o horário das aulas para o período noturno, em dias letivos, no campus da UFFS, para que os estudantes haitianos pudessem participar da aula de português anteriormente às aulas de

seus respectivos cursos de graduação. Feita esta mudança, as servidoras do AAI e alunas voluntárias desligaram-se do projeto, mantendo-se somente as bolsistas do PET.

Não obstante a mudança de horário e de local para favorecer os alunos, aqueles matriculados no período matutino não puderam frequentar o curso, pois se tornou inviável devido ao horário, uma vez que trabalhavam à tarde. Portanto, neste segundo semestre, os alunos antigos não foram contemplados, somente os novos ingressantes na universidade. O público externo, vindouro de Nova Erechim, município próximo a Chapecó, recebeu suporte em sua cidade de origem, circunstância que os desvinculou do curso na UFFS. Como, até então, as aulas eram emergenciais, privilegiou-se que as assistissem os novos estudantes, que necessitavam de ajuda mais imediata.

O material também sofreu alterações, visando dar maior suporte às professoras. Para isso, adquirimos dois exemplares de livro de ensino de português para estrangeiros, escolhido pelas envolvidas na organização do curso. Como não possuíamos verba para comprar material para os alunos, os materiais foram adquiridos com recursos do PET e foram fotocopiados, sem fins de reprodução para a venda⁶. O livro em questão é intitulado “Muito Prazer – Fale o Português do Brasil”, 2008, Disal Editora. Como observa Mendes (2004), os livros didáticos de ensino de línguas geralmente compreendem uma visão cultural estereotipada de um país/nação, o que vai de encontro a um ensino intercultural de línguas. Dessa forma, mais uma vez elaboramos nosso próprio material, aproveitando textos e áudios disponíveis no livro didático.

Salientamos o trabalho com gêneros como e-mail, notícias informativas, editoriais, contos e tirinhas, visto que todos os alunos eram acadêmicos e tinham contato com tais gêneros no seu cotidiano ao estudar autonomamente a língua portuguesa, como foi revelado pelos estudantes através de questionamentos. As atividades eram permeadas pela discussão sobre elementos culturais do Brasil, trazidos aos alunos através de pesquisa realizada pelas professoras, evitando, assim, a difusão da cultura como opinião do senso comum.

Consideramos que os alunos estão imersos em um contexto que a língua portuguesa se apresenta nas relações pessoais, de trabalho, educação, meios de comunicação, entre outros, portanto, para nossa prática docente, baseamo-nos em Geraldi (1984), para quem as atividades de leitura e produção devem ultrapassar a artificialidade do uso da linguagem e, assim, possibilitar o domínio efetivo da língua em suas modalidades oral e escrita. Sobre as dificuldades encontradas, apontamos para o fato de não haver professoras em número suficiente para que as turmas do semestre anterior tivessem continuidade. No tópico seguinte, trazemos mudanças significativas ocorridas a partir do terceiro semestre do curso:

Novo perfil de estudantes e mudanças na prática de ensino

No intuito de registrar o curso de português para haitianos como um todo, descrevemos, neste tópico, o novo perfil dos alunos, ingressos partir do primeiro semestre de 2015, e as principais mudanças. Iniciamos por destacar que somente duas bolsistas vinculadas ao PET prosseguiram como ministrantes das aulas, situação que impossibilitou a expansão e continuidade de turmas anteriores, exigindo um replanejamento.

⁶ É importante ressaltar que este livro segue o viés teórico-metodológico de ensino aprendizagem já explicitado neste artigo, e que também não foi o único recurso didático utilizado como suporte para que as aulas fossem ministradas. No decorrer do curso vigente, as acadêmicas responsáveis elaboraram outros materiais, a fim de atender às demandas de estudo trazidas pelos estudantes.

Como os dois primeiros semestres apresentaram problema de evasão, sendo que apenas 50% dos alunos concluíram o curso com mais de 70% de frequência, estabelecemos parceria com o Centro de Referência em Direitos Humanos – Marcelino Chiarello (CDRH) para que os imigrantes haitianos que pretendiam ingressar na UFFS frequentassem o curso de português anteriormente à entrada na graduação. Assim, as aulas poderiam auxiliar os alunos também em relação a informações do processo seletivo e do programa PROHAITI.

Com este intuito, o CDRH divulgou o curso no meio em que há o maior contingente haitiano na cidade: as agroindústrias. Desta forma, 29 estudantes inscreveram-se na terceira edição do curso, sendo 19 da comunidade externa e 10 estudantes da UFFS. Para que duas turmas fossem formadas, aplicamos um teste de nivelamento, contudo, a turma iniciante abrangeu público significativamente heterogêneo com nível distinto de conhecimento e formação, configurando-se quase como uma “classe multisseriada”, sendo esta a única solução para que todos fossem contemplados.

Neste módulo (2015/1) o público foi majoritariamente externo. Dentre os 19 alunos da comunidade externa, 1 imigrante senegalês e 2 congoleses passaram a constituir o público aprendiz. Para auxiliar a comunicação entre professor e aluno, uma estudante haitiana do curso de enfermagem, que participou do “Português para Estrangeiros” como aluna em 2014/1, auxiliava a professora do nível básico, principalmente para esclarecer dúvidas dos alunos e recolher a documentação para emissão de certificados.

O material utilizado neste semestre foi, essencialmente, a apostila “Língua portuguesa para haitianos”, (CONTINGUIBA; PIMENTEL; NOVAES, 2014). Assim, cada um dos estudantes recebeu uma apostila fotocopiada para uso pessoal, a qual surgiu como material de apoio para as aulas. Tendo em vista a abordagem comunicativa-intercultural adotada, não encerramos as atividades à apostila, contudo, apontamos que o material didático, desenvolvido especificamente para o público aprendiz, foi de grande valia.

Acerca desta edição, percebemos que o problema de evasão foi parcialmente sanado por meio de uma postura mais rígida das professoras em relação às faltas e retorno ao horário antigo (sábados à tarde com encontros de 3 horas de duração). Em relação às faltas devido ao trabalho na agroindústria aos sábados, solicitamos que atividades fossem realizadas extraclasse, justificando a ausência. Para um maior aproveitamento, a duração total do curso foi de 50h, 20h a mais que nos dois semestres anteriores. Por meio da caminhada de ensino destacamos que houve o amadurecimento das professoras, através de reflexão sobre os problemas encontrados e reformulação de estratégias pedagógicas; assim sendo, apresentamos, em seguida, as perspectivas futuras de melhoria do curso “Português para Estrangeiros”, bem como as ações implantadas no quarto semestre do curso.

Consolidação do curso e nova configuração

No segundo semestre de 2015, novas voluntárias do curso de Letras uniram-se ao projeto, o que permitiu que a turma iniciante de 2015/1 tivesse continuidade. Entretanto, a maioria dos estudantes haitianos matriculados em curso superior na UFFS foi encaminhada para oficina de escrita acadêmica, ofertada aos acadêmicos regularmente matriculados na instituição de ensino superior. O material que norteia as atividades do curso continua sendo a apostila adotada no semestre anterior, além da apostila “Pode

entrar: português do Brasil para refugiadas e refugiados”⁷. Além destes materiais didáticos, focamos no trabalho com gêneros textuais, através da abordagem comunicativa e intercultural, adaptando os gêneros aos níveis do curso. Observamos que a apostila de ensino destinada a refugiados auxilia nas atividades extraclasse e no estudo autônomo dos estudantes, visto que há glossário com amplo vocabulário traduzido em português, francês e inglês.

Desde então, com a nova expansão do curso devido à disponibilidade de novas voluntárias, atendemos principalmente à comunidade externa, buscando sanar dúvidas dos estudantes em relação ao ingresso no ensino superior e à realização do processo seletivo PROHAITI. Atualmente, o principal objetivo do curso de extensão “Português para Estrangeiros” é auxiliar os estudantes haitianos da região que pretendem ingressar na UFFS, além de qualificar o domínio da língua portuguesa nas suas mais variadas necessidades de uso cotidiano. Para os haitianos acadêmicos, o curso auxilia no processo inicial de contato com o ambiente universitário, ao estudar os gêneros resumo e resenha; contudo, há uma limitação na assistência àqueles que estão em fase mais avançada dos cursos de graduação. É importante salientar que os imigrantes do continente africano não mais participaram do curso por razão desconhecida⁸.

Atualmente, avaliamos o Curso de Português para Estrangeiros como uma ação permanente do PET, com a finalidade de auxiliar imigrantes haitianos da cidade de Chapecó e região na aprendizagem da língua portuguesa. O foco de ensino deixou de ser o português acadêmico, devido ao público heterogêneo e a impossibilidade de ofertar mais turmas, pois não há bolsistas especificamente para este projeto. A importância desta ação se dá porque, apesar das inúmeras dificuldades encontradas por nossos alunos, “percebemos que a maior dificuldade dos imigrantes era vencer a barreira linguística” (PIMENTEL; COTINGUIBA, 2012, p.101).

Além disso, através da parceria com o Centro de Referência em Direitos Humanos Marcelino Chiarello, encaminha-se os estudantes ao referido órgão para resolução de questões sociais, como busca por advogados, tradução de documentos e suporte psicossocial. O curso também auxilia os haitianos interessados em ingressarem na UFFS, via PHOHAITI, informando sobre os períodos de inscrição e realização da prova. Entretanto, é fundamental apontar que os haitianos acadêmicos da UFFS carecem de um curso completo de língua portuguesa, de maior duração, a fim de suprir suas dificuldades específicas como graduandos.

Por meio da descrição cronológica aqui tecida expomos as principais dificuldades encontradas e as mudanças ocorridas no curso. Evidenciamos a relevância desta ação afirmativa principalmente para a inserção de imigrantes haitianos em contextos formais de ensino, quebra da barreira linguística e integração da comunidade de imigrantes haitianos. Na sequência, trazemos um breve relato analítico acerca do aprendizado docente, apoiando-nos também em depoimento de alunos do curso.

⁷ Apostila foi lançada pela Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), e foi elaborada pelo cursinho popular Mafalda, com o apoio da Cáritas Arquidiocesana de São Paulo.

⁸ Observamos que os imigrantes congolezes e senegaleses possuem um curso de língua portuguesa em uma associação da cidade de Chapecó, cujo professor é um imigrante do Congo que vive no Brasil há 5 anos, segundo informações dos estudantes haitianos. Durante a participação dos alunos senegaleses e congolezes no curso, não houve nenhum momento de conflito entre esses e o público majoritariamente haitiano.

Professoras, alunos e comunidade externa: como o projeto contribuiu para todos os envolvidos.

A contribuição do curso apresenta-se em vários aspectos, tanto para as bolsistas e voluntárias envolvidas (professoras) como para os alunos haitianos e toda a comunidade externa. No primeiro âmbito, o qual diz respeito à formação das futuras docentes, a possibilidade de ensinar sua língua materna para imigrantes faz com que se ampliem as percepções como futuras profissionais da área do ensino de línguas, gerando novas possibilidades e experiências que não existiriam caso não houvesse a responsabilidade pelo andamento do curso de português. Assim, o curso possibilitou uma reflexão formal e crítica sobre o ensino de português como língua estrangeira, a partir da busca de materiais para essa área de ensino no planejamento das aulas. Já o confronto com outra cultura possibilitou uma formação mais ampla e humana, ao olhar para o outro e perceber seus potenciais, reconhecendo-se em exercício de alteridade.

Em relação às contribuições para os alunos haitianos, que frequentaram as aulas de português regularmente (mínimo 70% de frequência), percebemos uma melhora na compreensão do idioma, o que refletiu na superação da barreira linguística e consequente inserção social. Neste caso, concluímos que o melhor é “dar voz” para que os alunos falem por si, através de pequenos relatos escritos por eles (sem alterações):

A primeira vez, eu posso agradecer Laura e Caroline que estavam disponíveis pra nós estrangeiros Haitianos e particularmente UFFS que pensou de colocar um curso de português à nossa disponibilidade. Segunda vez: minha participação nesse curso significou muitas coisas pra mim, eu não sabia nada dessa língua portuguesa, tinha apenas somente 3 meses no Brasil, nesse curso eu não possuí me defender mais rápido. Pontos positivos: Minhas professoras tinham capacidade de fazer ao curso, elas estavam estupefatas na suas explicações. Pontos negativos: As professoras faltavam fazer as práticas. entre os alunos e elas não estavam exigentes pra nós. Sugestão: Eu gostaria que UFFS fazia esse curso como uma matéria pra nós por uma duração de 6 meses como fazendo mais países. Abraço.

(aluno do Módulo II, relato redigido no código escrito).

O depoimento do aluno demonstra, além da habilidade no uso da língua portuguesa, a relevância que o curso teve para ele, principalmente por estar há pouco tempo no Brasil e não conseguir se comunicar, assim, as aulas impulsionaram uma aprendizagem mais rápida do que se fosse realizada de maneira autônoma. Apesar de reconhecer que as professoras estavam capacitadas para lecionar e que as explicações delas eram claras, o aluno confessa que as ministrantes das aulas deveriam exigir mais dos alunos, aspecto melhorado ao longo dos semestres, respeitando a condição de imigrantes dos aprendizes. O estudante, bem como as professoras, salienta a necessidade de um curso de língua portuguesa de longa duração, capaz de auxiliar efetivamente no contexto acadêmico. A seguir, apresentamos o depoimento de outra aluna:

No início das aulas de português eu me perguntei se ia conseguir aprender alguma coisa pois as aulas foram 100% em português e hoje, depois de 8 meses posso dizer que foi uma alcance porque depois de 2 meses de aulas de português consegui passar no concurso da UFFS em primeiro lugar. Graças aos métodos das queridas professoras Caroline e Laura que mostraram profissionalismo através suas paciências,

compreensões, e que foram sempre disponíveis para nos. Porém, tem o lado negativo dessas aulas também que é o tempo de aprendizagem, foram somente duas horas por semana durante 3 meses é pouco tempo pra aprender uma língua estrangeira. Quero que as professoras fazem também um curso básico sobre as outras disciplinas, como: matemática, história... porque o início das minhas aulas na UFFS, fiquei bem estranho quando teve aula de matemática, informática e outras. Um grande abraço pra vocês queridas, vocês são ótimas professoras e muito sucesso.

(aluna do Módulo III, relato redigido no código escrito).

Para a aluna, o curso de português foi um fator determinante para seu ingresso no curso superior. O relato evidencia sua capacidade de se comunicar, notável em seu depoimento escrito; também ressalta a importância de maior quantidade de horas para as aulas. Concluímos que o curso é fundamental para a entrada dos acadêmicos na UFFS, porém, não garante o suporte necessário para o uso da língua em um curso superior.

Além dos relatos dos próprios estudantes haitianos, também verificamos, através de pesquisa consolidadas acerca do programa PHOHAITI, dados que revelam a situação acadêmica deste público e as contribuições do curso de português:

No levantamento acadêmico, acompanhado durante o primeiro semestre do Programa, os estudantes haitianos cursaram 140 componentes curriculares, desses 95 foram aprovados e 45 reprovados ou não concluídos, o que demonstra um resultado muito positivo, porém aparecem alguns desafios, como a dificuldade de comunicação devido ao idioma falado. *A implantação das aulas de Português para comunidade haitiana com o Programa de Educação Tutorial/ PET-Letras tem ajudado muito* (BORDIGNON e PIOVEZANA, 2015, p.9, grifo nosso).

Temos consciência de que, com esta ação, são observados reflexos positivos inclusive na comunidade externa. Não somente porque nos últimos módulos o curso ofertou a possibilidade das aulas para alunos de fora da UFFS, mas também porque a comunicação entre imigrantes e moradores locais é facilitada e, assim, gradualmente se rompem barreiras, criadas pelo preconceito e pela falta de informação sobre a realidade do próximo. Por fim, sistematizamos o nosso aprendizado acadêmico ao ministrar aulas para imigrantes haitianos, além de sublinhar quais os aspectos a serem melhorados nesta ação de ensino específica.

Considerações Finais

Ao traçarmos a evolução do curso de extensão, suas mudanças ao longo do tempo e as formas que encontramos para superar as dificuldades encontradas, buscamos apresentar soluções para contextos de ensino semelhantes a este, além de evidenciar a urgência de discussões sobre o ensino do português aos novos imigrantes que vêm ao Brasil, bem como aos refugiados. No que se refere à nossa formação docente, descrevemos aspectos pontuais de nossa experiência e, com isso, expusemos o percurso realizado durante dois anos de trabalho, abarcando a concepção teórica das aulas, os encaminhamentos em relação ao público e a superação dos óbices materiais e humanos para a realização das atividades de ensino. Deste modo, o presente trabalho compartilha uma experiência realizada na UFFS, no intuito de estimular a reflexão sobre essa

modalidade de ensino do português como língua não materna e de sua contribuição para a formação docente de graduandos do curso de Letras, licenciatura.

Sobre as dificuldades encontradas, evidenciamos a evasão dos alunos. Após as tentativas de superação deste impedimento, deparamo-nos com a solução apresentada por Ruano e Cursino (2015) ao propor o conceito de “ensino em trânsito”, em que cada aula se concentra em um processo de aprendizado com início, meio e fim, sem tarefas extraclasse; assim, seria possível que as faltas não prejudicassem o andamento do conteúdo planejado, através de uma abordagem por tarefas comunicativas. Pensamos em, nos semestres seguintes, tentar esta nova abordagem.

Para além de um relato de experiência, refletimos sobre a prática docente e analisamos os resultados do trabalho desenvolvido. Concluímos que o curso de extensão “Português para Estrangeiros” é uma ação pertinente e cumpre com o objetivo de facilitar a inserção social de imigrantes haitianos através da superação da barreira linguística. Por meio da avaliação realizada durante as aulas, afirmamos que a metodologia pedagógica adotada, em que o ensino do português vai ao encontro das necessidades dos alunos, ensinado de forma atrelada à cultura com enfoque comunicativo-intercultural, é pertinente ao público de imigrantes contemplados. No entanto, apontamos para a impossibilidade de auxiliar haitianos com suas necessidades acadêmicas que perpassam o uso da língua em situações do cotidiano, visto o tempo de duração e o número reduzido de professores do Curso. Com solução, sugerimos a expansão das atividades de ensino através da consolidação de um centro de línguas em nossa universidade, assim, as aulas de língua portuguesa deixarão seu caráter paliativo e emergencial.

Referências

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **O ensino de português como língua não materna: Conceções e contextos de ensino**. 2009. Disponível em: <http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_4.pdf> Acesso em: <25 maio 2014>.
- BAKHTIN, M. **A estética da criação verbal**. [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl]. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BORDIGNON, S. A. F.; PIOVEZANA, L. **Inserção social e escolar dos haitianos em Santa Catarina**. Disponível em: <http://www.rio2015.esocite.org/resources/anais/5/1440717125_ARQUIVO_INSERTAOSOCIALEESCOLARDOSHAIANOSEMSANTACATARINA.pdf> Acesso em: 27 jan. 2016.
- COTINGUIBA, G. C. **Imigração haitiana para o Brasil: a relação entre trabalho e processos migratórios**. 2014. 154 f. Dissertação (Mestrado em História e Estudos Culturais). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho. 2014.
- GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula – leitura & produção**. Cascavel: Assoeste, 1984.
- LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I. ; VANDRESSEN, P. **Tópicos em linguística aplicada**. O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 211-236.
- _____. Ensino de línguas: passado, presente e futuro. In **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 389-411, jul./dez. 2012.
- MARIANO, A. J. S; RIBEIRO, M.D.A. O interculturalismo no ensino de PLE: Um estudo sobre expressões idiomáticas brasileiras a partir do filme "Ó pai ó". **Revista Fronteira Digital**. Mato Gross. n. 4, ago/dez. 2011. Disponível em:

<http://www.unemat.br/revistas/fronteiradigital/docs/artigos/n4_2011/fronteira_digital_n4_2011_art_6.pdf>. Acesso em: fev. 2016.

MENDES, E. **Abordagem Comunicativa Intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas**. 2004. 432 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2004.

PIMENTEL, M.; COTINGUIBA, G.C. Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho. **Revista Travessia**, São Paulo, v. 70, p. 99-106, 2012.

RUANO, B. P.; CURSINO, C. A. O ensino de português brasileiro como língua de acolhimento: projeto PBMIH-UFPR - um estudo de caso. In: I Congresso Internacional de Estudos em Linguagem, 2015, Ponta Grossa. **CIEL 2015 – Anais completos**, 2015.

SCHNEIDER, M. N. **Abordagens de ensino e aprendizagem de línguas: comunicativa e intercultural**. Disponível em: < <http://www.ser.ufrgs.br/contingencia/article/view/13321/7601>>. Data de acesso: maio 2015.

SOUTO FRANCO, M. M.; ALMEIDA FILHO, J. C. P. O conceito de competência comunicativa em retrospectiva e perspectiva. **Revista Desempenho**, v. 11, p. 04-11, 2009.

Submetido em 21 de setembro de 2016.

Aprovado em 19 de janeiro de 2017.